

## A Ruby Mining investe na formação de estudantes da Universidade Rovuma

A Montepuez Ruby Mining (MRM) vai investir cerca de 1.150.000,00 Meticais para a formação superior de jovens deste distrito, em cursos oferecidos pela Universidade Rovuma (UniRovuma), nas áreas de geologia e minas e em outras com o potencial de promoverem o desenvolvimento daquela região à sul da província de Cabo Delgado.

A informação foi dada a conhecer, recentemente, em Maputo, pelo seu Presidente do Conselho de Administração, Samora Moisés Machel Júnior, aquando da assinatura de um memorando de entendimento entre esta empresa mineradora e a UniRovuma, realizada no seu stand de exposições na Feira Comercial e Industrial de Maputo (FACIM). Segundo Samora Machel Júnior, a Ruby Mining reconhece a existência de **muita capacidade de conhecimento ao nível de Namanhumbir e ao da região Norte e achamos que nós podemos dar um apoio aos jovens que queiram se formar. Temos um acordo de sete anos e durante este período vamos investir cerca de um milhão e cento e cinquenta mil meticais para esse efeito.**

O memorando assinado entre as duas instituições, para além da concessão de bolsas de estudo a jovens de Montepuez, tem por objecto o estabelecimento de

mecanismos de cooperação no âmbito da criação de estratégias e políticas no sector de mineração, mediante a implementação de projectos de pesquisa e extensão universitárias, proporcionando desenvolvimento rural e territorial sustentável.

Para a empresa, em particular, o memorando prevê o desenvolvimento de projectos de extensão com impacto em programas de responsabilidade corporativa, bem como o fomento do capital intelectual dos profissionais da MRM em processos de inovação tecnológica.

Neste contexto, Samora Júnior considera esta parceria uma oportunidade no âmbito do **desenvolvimento tecnológico que tem**



acontecido na área da indústria mineira, em que a UniRovuma poderá dar-nos um aporte em termos de interacção entre os nossos técnicos e os docentes que estarão lá e, também, docentes que virão de outros países que têm interagido com a Universidade.

O Magnífico Reitor da UniRovuma, Prof. Doutor Mário Brito dos Santos, na sua intervenção após a cerimónia de assinatura, disse que o memorando representa, para nós, o início de uma actividade conjunta, que vai contribuir para complementar as acções da nossa Universidade no que

se refere a espaços para o treinamento dos nossos estudantes, à identificação de oportunidades para a sua formação em áreas muito mais práticas e à aproximação das duas instituições para a melhoria do seu próprio currículo, orientado para o saber-fazer e para a prática.

Brito dos Santos acrescentou que o documento **vai ajudar, também, no melhoramento dos nossos laboratórios e do equipamento existente na Universidade, onde poderemos ter oportunamente um complexo de laboratórios que possam suportar os cursos,**

principalmente de geologia, de engenharias geológicas e das engenharias no geral.

A Montepuez Ruby Mining explora o depósito de rubis de Montepuez, com uma área de aproximadamente 33.600 hectares, considerada a mais importante reserva de rubis do mundo e descoberta recentemente.

Não foi revelado, entretanto, quantos estudantes serão abrangidos pelas bolsas ao longo dos sete anos de vigência da decisão da Montepuez Ruby Mining, nem o valor que cada bolsheiro vai beneficiar.

## O Conselho Académico aprova curso de Mestrado em Ciências da Religião

O Conselho Académico (CA) da Universidade Rovuma (UniRovuma) aprovou o curso de Mestrado em Ciências da Religião, em sessão ordinária realizada, recentemente, na cidade de Nampula.

A sessão, realizada de forma híbrida, reprovou, por outro lado, o Mestrado em Ciências da Linguagem, que seria ministrado pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS).

Falando na sessão que apreciou estes dois instrumentos, a diretora da FLCS, Prof<sup>a</sup>. Doutora Denise Soares Omar, disse que estes dois cursos estavam a ser preparados desde 2020, viriam agregar mais valor não apenas à esta unidade académica, mas a sociedade no seu todo.

O curso ora aprovado vem juntar-se a outros sete de Licenciatura e um de Doutoramento, sendo nove no total leccionados na reitoria e

nas Extensões de Cabo Delgado e Niassa.

O curso de Mestrado em Ciências da Religião visa formar quadros nesta área, com uma visão capaz de assegurar o desenvolvimento deste campo de conhecimento através de ensino, promovendo valores de mútuo respeito e convivência pacífica.

Por outro lado, o Prof. Doutor Feliciano Pedro, diretor-adjunto Académico da FLCS e membro da comissão que elaborou do currículo, apresentou, na mesma sessão, o currículo do Mestrado em Ciências de Linguagem.

Feliciano Pedro disse, em defesa do projecto, ser necessário ter pessoas formadas nesta área que

possam promover e desenhar políticas no contexto multilíngue de Moçambique. **Com esta proposta, pretende-se contribuir no sentido de melhorar aquilo que são as práticas das línguas maternas e absorver estudantes graduados em ensino de língua francesa, inglesa e portuguesa que se encontram sem emprego devido a sua área de formação.**

Posteriormente, o órgão colegial decidiu não aprovar a proposta do curso de Mestrado em Ciências da Linguagem por este apresentar ainda algumas lacunas, por exemplo, a falta de clareza na questão de perfil de entrada dos graduados, sugerindo-se que a

comissão observe as diferentes orientações para a melhoria da proposta, para que esta seja apresentada na próxima sessão extraordinária, prevista para a primeira quinzena de Outubro.

Ao discursar na abertura do evento, o Magnífico Reitor, Prof. Doutor Mário Jorge Brito dos Santos, deu a conhecer aos

presentes a nova estrutura orgânica da Universidade, a qual objectiva dinamizar as actividades letivas e administrativas da instituição.

A estrutura foi desenhada em função das preocupações e necessidades da Universidade, visando imprimir nova celeridade em todas as actividades de Ensino,

Pesquisa e Extensão.

Dos Santos explicou que a nova estrutura surge num momento em que os colegas que ocupavam cargos de chefia e confiança terminaram os seus mandatos, visto que o Regulamento Interno da UniRovuma estabelece três anos o tempo de duração de cada reinado.

## PARA ELABORAÇÃO DE PROJECTOS COMPETITIVOS

# Docentes da Universidade de Coimbra capacitam colegas da Universidade Rovuma

**Docentes da Faculdade de Geociências da Universidade Rovuma (UniRovuma) beneficiaram de capacitação ministrada por dois colegas seus da Universidade de Coimbra, em matéria de elaboração de projectos competitivos e financiáveis.**



Para o efeito, a instituição lusa de ensino superior fez deslocar à Nampula dois docentes e formadores, nomeadamente, os Prof. Doutores Pedro Diniz e Fernando Carlos, tendo estes estado na UniRovuma por um período de 15 dias, segundo o Prof. Doutor Isaiás Mutombo Mafavisse, director da Faculdade de Geociências.

Em declarações ao *Boletim Informativo Masu a Asomi*, o Prof. Isaiás Mafavisse explicou que os

docentes lusos aproveitaram este período para realizar várias actividades programadas, uma das quais trabalhos teóricos e de campo com estudantes desta unidade académica.

A estadia dos professores portugueses na UniRovuma, acrescentou Mafavisse, surge no âmbito de uma série de actividades programadas conjuntamente, no quadro de um Memorando de Entendimento (MdE) assinado por

estas duas instituições de ensino superior.

Ele adiantou que a capacitação ministrada pelos professores lusos constituiu um espaço para o intercâmbio de experiências para mostrar aos colegas moçambicanos como se desenham projectos e se submetem ao financiamento.

**Tendo em conta a realidade diferente entre os dois países, pretendemos que os nossos colegas lusos nos ajudem a elaborar**



projectos a fim de submetê-los a entidades apropriadas para os financiar, esclareceu o Prof. Isaías Mafavisse.

Esta publicação conversou com o Prof. Doutor Diniz, que é director do Departamento de Ciências de Terra da Universidade de Coimbra e membro do Centro de Investigação. Quisemos saber dele os resultados esperados com o treinamento

ministrado à contraparte moçambicana.

Para o Prof. Pedro Diniz, e falando em tom irónico, **nós não estamos para descobrir a varinha mágica para encontrar soluções para todas as dificuldades de produção científica que a UniRovuma tem, ou mesmo das instituições moçambicanas. Queremos, sim, transmitir experiências, mostrar a**

**realidade da nossa Universidade e tentar perceber a realidade moçambicana e ajudar a encontrar soluções para a produção científica.**

Os docentes portugueses já regressaram ao país de origem, com esperanças de que esta parceria vai continuar futuramente, em benefício destas duas instituições de ensino superior.

## A Universidade Rovuma e a congénere alemã discutem energias renováveis

A Universidade Rovuma (UniRovuma) e a Brandenburg University of Technology (Btu) Cottbus - Senftenberg, da Alemanha, discutiram modalidades que levem a encontrar formas de implementação inovadora e sustentável de energias renováveis em Moçambique e, em especial, na província de Nampula.



Para o efeito, decorreu, no Centro Cultural da UniRovuma (CECUR), um *workshop* de quatro dias, no qual participaram grupos multidisciplinares estudantes, docentes e pesquisadores da instituição hospedeira, e duas professoras daquela Universidade alemã, as Prof. Doutoras Mgdalena Missler-Behr e Silke Michalk, orientadoras do encontro.

Falando na abertura do encontro, o director da Faculdade de Engenharias e Ciências Tecnológicas, Prof. Doutor Guedes Caetano, em representação do Magnífico Reitor da UniRovuma, Prof. Doutor Mário Brito dos Santos, considerou o encontro como um passo significativo rumo ao encontro de inovações e soluções sustentáveis

para as energias renováveis no país.

Para Guedes Caetano, o *workshop* não se deve resumir, apenas, à discussão de ideias, como também deve permitir estabelecimento de uma colaboração activa, inspirada numa aprendizagem sólida de como preservar as questões ambientais.

Ele sublinhou a importância do

evento, principalmente para a comunidade académica da Universidade Rovuma, em particular, e para o desenvolvimento de Moçambique, em geral, pois o uso de energias renováveis é crucial para os desafios globais em razão das mudanças climáticas.

**Sendo um país rico em recursos naturais, Moçambique tem um papel vital na transição da actual fase para o estabelecimento de uma economia verde,** sublinhou o

Prof. Guedes Caetano, destacando a robusta parceria entre a UniRovuma e a BTU para o alcance desse desiderato.

Esta colaboração, continuou o director da FECT, ilustra a importância que a parceria internacional tem no ensino superior e pesquisa em Moçambique. **A combinação do conhecimento, experiência e recursos reforçará a nossa caminhada rumo ao desenvolvimento sustentável,** concluiu o Prof. Guedes Caetano.

O *workshop* decorreu sob o lema *Educação e Empreendedorismo para o Desenvolvimento Sustentável: Implementando Fontes Energéticas Renováveis em Moçambique* e visava também o desenvolvimento de planos de negócios na área de energias renováveis. É na base deste lema que no encontro participou um número considerável de estudantes de diferentes cursos, que manifestaram o interesse em se tornarem empreendedores de variadas áreas.

## Universidade Rovuma em jornadas científicas

A Universidade Rovuma (UniRovuma) realizou recentemente, nas suas unidades académicas, as jornadas científicas as quais se prolongaram até o dia 23 do mês de Setembro, com a apresentação de diferentes temas abordando várias áreas de conhecimento.



O lançamento das jornadas foi feito no Centro Cultural da UniRovuma (CECUR), pelo Prof. Doutor Guedes Caetano, director da Faculdade de Engenharias e Ciências Tecnológicas, em representação do Magnífico reitor, Prof. Doutor Mário Jorge Brito dos

Santos.

O Prof. Guedes considerou as jornadas científicas como um momento que visa proporcionar uma reflexão e partilha de conhecimentos entre os estudantes e docentes, discutir ideias inovadoras e que incentivem a comunidade académica a focar-se

mais na cientificidade.

O director da FECT acrescentou que os estudantes já interiorizaram a necessidade e a importância de se realizarem as jornadas científicas, exemplificando com números comparativos entre as últimas realizadas em 2022 e as do ano anterior. Em 2021, foram pouco



mais de 1.700 apresentações e, no ano seguinte, – 2022 – acima das 1.900.

Para Guedes Caetano, a subida do número de apresentações de trabalhos científicos é uma clara resposta aos constantes apelos do Ministério de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, sobre a necessidade de as instituições de ensino superior se transformarem em unidades de investigação.

**É na base destes dados que encorajamos os nossos estudantes a se envolverem mais na pesquisa e a transformarem-na em cultura diária,** precisou o Prof. Guedes Caetano.

Depois da abertura oficial das jornadas científicas, o Prof. Doutor Rosário Sunde apresentou uma comunicação com o tema *O Papel da Universidade na Prevenção do Consumo de Substâncias Psicoativas*, na qual chama a atenção para as instituições de ensino tomarem a dianteira na luta contra o consumo destas substâncias nocivas à saúde e ao bem-estar social.

Segundo o Prof. Sunde, o consumo de substâncias psicoativas entre

os estudantes em escolas da província de Nampula, em geral, e da cidade-capital, em particular, é um facto inegável, sendo necessário para o combater o envolvimento de todos segmentos da sociedade.

Por outro lado, a UniRovuma – Extensão de Cabo Delgado realizou, igualmente, as jornadas científicas, tendo a respectiva directora, Profa. Doutora Helena Muando, enaltecido o evento por visar incentivar a pesquisa nesta instituição de ensino superior.

Para a Profa. Muando, os resultados da pesquisa devem ser direccionados a resolução de problemas que apoquentam as comunidades, tanto espalhadas pelo distrito de Montepuez, quanto por toda a província de Cabo Delgado.

Falando especificamente do consumo de drogas por adolescentes e jovens, a directora da Extensão de Cabo Delgado considerou haver necessidade de o Departamento de Psicologia coordenar pesquisas cujos temas desencorajem os usuários de substâncias psicoativas,

principalmente adolescentes e jovens estudantes.

A cerimônia naquela Extensão Universitária contou com a presença do Secretário Permanente do distrito de Montepuez, docentes, estudantes e funcionários locais, tendo sido inscritos para apresentarem os seus trabalhos 164 discentes e professores de diferentes cursos.

Um dos temas abordados nas jornadas refere-se à *Aprendizagem nas Pesquisas de Licenciatura de Ensino em Matemática: Resultados das Jornadas Científicas Estudantis numa Universidade Moçambicana*, apresentado pelo Mestre Rosalino Subtil Chicote, docente da UniRovuma - Extensão.

A Universidade Rovuma é constituída por quatro unidades académicas, nomeadamente, a sede – Nampula -, as Extensões de Niassa e Cabo Delgado e o Instituto de Turismo, Transporte e Comunicação de Nacala-Porto. A Extensão de Niassa e o Instituto de Nacala-Porto não enviaram qualquer informação relativa às jornadas científicas.

**FICA ATENTO A TODA INFORMAÇÃO  
SOBRE SAÚDE E BEM-ESTAR  
EM MOÇAMBIQUE.**



Visite o nosso site :[www.ins.gov.mz](http://www.ins.gov.mz)

# Desafios da padronização da ortografia de línguas moçambicanas: O caso de locativização dos nomes próprios

Por Armino Ngunga\*

## Introdução

A história da escrita das línguas moçambicanas é exógena, isto é, tem sua origem fora do território nacional. Não existe informação que ateste a existência da escrita destas línguas antes da chegada de mercadores árabes e de mercadores e missionários europeus falantes e escreventes de diversas línguas. Todavia, a preocupação com a padronização da escrita de línguas moçambicanas é endógena, no contexto do esforço de transformar a escrita destas línguas em verdadeira extensão da palavra oral, através da qual os membros da mesma comunidade linguística se deveriam comunicar por escrito, tal como o faziam e o fazem oralmente. Isto é, os primeiros escreventes de línguas moçambicanas foram estrangeiros que falavam línguas sem nenhuma relação genética com as línguas faladas no espaço que hoje é Moçambique.

Todavia, importa lembrar que nem todos os contingentes de missionários e mercadores que se fizeram a Moçambique e iniciaram a escrita de línguas moçambicanas eram portugueses. Apesar de os espanhóis, franceses, ingleses, italianos, holandeses e portugueses serem falantes de línguas neolatinas e usarem a escrita latina, as regras de ortografia das diferentes escritas são diferentes. Daí que, não tendo

formação em Linguística, portanto, desprovidos de bases teóricas do funcionamento das línguas que poderiam fundamentar as opções a tomar sobre a escrita das línguas, além do conhecimento que tinham da escrita das suas línguas particulares, cada um escreveu com base no padrão da sua língua a língua moçambicana da região onde estivesse a trabalhar.

É assim que temos situações de uma língua moçambicana a ser escrita em Espanhol, em Francês, em Português, etc., conforme o seu escrevente, cada representando o mesmo som da língua de formas diferentes. Tal é o que acontece, além de muitos exemplos, com o som [ɲ], que se representa como /ñ/, /gn/ e /nh/ em Espanhol, em Francês, em Português, respectivamente. Seguindo um dos princípios do *Africa Script*, foi decidido que a forma padronizada da escrita deste som fosse /ny/, como se ilustra na tabela 1:

Lendo horizontalmente a tabela 1, da esquerda para a direita, por língua, nota-se o que se chama *padronização intralinguística*, isto é, escrita igual do mesmo som dentro da mesma língua, o que é muito importante para a unificação da língua e facilita a comunicação escrita entre os membros da mesma comunidade linguística. Esta padronização é uma forma de

contribuir para a comunicação para o desenvolvimento, que requer união de forças, vontades e conhecimentos entre os membros do mesmo grupo, que precisa de ser grande para fazer a diferença.

Mas existe também o outro exercício que consiste no que se chama de *padronização interlinguística*, ou seja, entre forma de escrever sons iguais em várias línguas. Isto é, o facto de todas as línguas moçambicanas pertencerem ao grupo bantu significa que elas partilham entre si muitos aspectos comuns em termos de sons, léxico e mesmo elementos de gramática que, se escritos da mesma forma, podem facilitar consideravelmente a comunicação entre falantes de línguas diferentes, o que representa um passo gigantesco em direcção à construção e consolidação da unidade nacional, sonho secular dos moçambicanos de várias gerações.

Alguns exemplos de padronização interlinguística são aqui citados, usando os casos das consoantes (a) oclusiva africada palatal não vozeada [c], que amiúde se representa como /c, ch, tch, tx/ e (b) fricativa palatal não vozeada [ʃ], que tem aparecido escrita como /x, ch, sh/ nas línguas copi, nungwe, nyanja, yaawo, makonde, makhuwa, zronga e outras, como ilustram os exemplos que se seguem (tabela 2 e 3):



Os exemplos acima sugerem que o saber ler e escrever numa língua europeia não é sinónimo de saber ler e escrever em línguas moçambicanas, embora em alguns casos até possa significar isso. Por isso é que muitas vezes cai no ridículo o indivíduo que escreve em língua portuguesa as palavras de línguas moçambicanas. As hesitações muito conhecidas que vemos em textos oficiais sobre as diversas formas de se escrever os topónimos do nosso país resultam do generalizado desconhecimento das regras de escrita das línguas moçambicanas, muitas vezes devido à simples falta de humildade de querer aprender esta escrita, porque pensamos que se trata de línguas subalternas e, como tal, a escrita não precisa de se aprendida para quem escreve correctamente a língua portuguesa, que é dominante. É assim que, vezes sem conta, vemos o nome da cidade turística a norte de Inhambane ser escrito das mais variadas formas estranhas, tais como: *Vilanculos*, *Vilanculo*, *Vilankulo*, quando a forma correcta é **Vilankulu** e poucos jornalistas acertam.

O exercício de padronização da escrita de línguas moçambicanas ganha hoje uma importância nunca imaginada no longínquo ano de 1986, altura em que se esteve a cogitar a realização do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas, que viria a acontecer em 1988. Desde que se realizou esse histórico seminário, outros três se seguiram, cujos relatórios se podem encontrar em SITO E NGUNGA (2000); NGUNGA e FAQUIR (2011); e NGUNGA et al. (2023). Apesar do sucesso que estes quatro seminários tiveram, eles não esgotaram todos os problemas inerentes à ortografia de

língua moçambicanas, como é óbvio. Por um lado, ainda se reconhece a existência de muitos problemas específicos, que só com tempo vão tendo respostas, em resultado de pesquisas especializadas que são realizadas por diferentes estudiosos sobre tópicos específicos. A questão da escrita dos nomes próprios locativizados por prefixação é um dos problemas que ainda candentes, cuja solução vai contribuir sobremaneira para o grande objetivo de padronização da escrita das línguas moçambicanas.

Por outro lado, reconhece-se que, hoje, as línguas moçambicanas estão também confrontadas com os desafios da digitalização e da pesquisa em inteligência artificial em geral que, de acordo com Ndapassoa (2023:1), requerem “a priorização da padronização e harmonização dos sistemas de escrita”, uma batalha que não pode ser ganha se os escreventes de uma mesma língua não acordarem uma forma única de escrever a sua língua. Uma padronização intralinguística bem sucedida vai permitir que também o computador possa apreender o que é conhecido por todos os membros da comunidade linguística, e não só, para se realizar operações que lhe forem solicitadas, tais como a correcção linguística, a tradução automática e outras funcionalidades que possam permitir que o pesquisador seja bem-sucedido na busca dos conceitos depositados em repositórios multimídia *online*. Por outras palavras, na era da digitalização, a padronização da escrita das línguas moçambicanas é um imperativo não só social, mas também académico e tecnológico, pois é preciso garantir-se que a ortografia de todos os conceitos

registados nos aplicativos esteja de acordo com uma ortografia padronizada, para que a busca nunca redunde em fracasso.

### Enquadramento do tema na presente Conferência Internacional

Alguém, com alguma razão, poderá perguntar nesta magna assembleia: Que relevância tem um problema de ortografia numa Conferência de Língua, Linguística e Literatura? A resposta breve e simples é: Quando me foi solicitado que eu preparasse uma conversa introdutória de uma I Conferência Internacional de Língua, Linguística e Literatura, fiquei a pensar no que eu poderia abordar para ligar as três componentes deste evento.

Depois de alguns dias de exercício, cheguei à conclusão de que (i) a escrita era o único elemento em comum entre a língua, a linguística e a literatura. Vale lembrar que, em Moçambique colonial, a inexistência de escrita de língua moçambicanas foi usada para dizer que aqui não havia línguas, só havia dialectos, pois língua era aquilo que tinha escrita, gramática e literatura. Portanto, a única língua que havia em Moçambique, digna desse nome, e porque respondia satisfatoriamente aos critérios de escrita, gramática e literatura, era o Português. (ii) Em Moçambique independente, a inexistência da escrita das línguas moçambicanas foi usada para justificar a não introdução destas línguas no sistema educativo formal, lá onde se ensina a língua e sua gramática, lá onde se ensina a escrita, condição sem a qual não se pode falar de literatura. Isto é, sem um sistema de escrita consistente, padronizado e respeitado por todos os membros da comunidade linguística, não se pode produzir literatura. Enquanto





ciência da linguagem humana, a Linguística precisa de se preocupar com a escrita, municiando aos profissionais de língua e literatura, do ensino, da comunicação social, da pregação da palavra de Deus e todas as pessoas, com conhecimentos que permitam explicar as razões por detrás das escolhas ou opções que se fazem, quando chega a hora de se decidir sobre como escrever melhor uma determinada língua. O envolvimento do linguista em assuntos sobre a ortografia é um privilégio especial das línguas que estão a adquirir a escrita desde o século XX, altura de nascimento e reconhecimento da linguística como ciência da linguagem.

As línguas com tradição de escrita milenar não podem usufruir das conquistas da ciência linguística, pois nesses casos, sendo a linguística mais nova do que a escrita, o exercício de convencer os escreventes seculares a aceitarem uma eventual reforma ortográfica fica muito complexo, independentemente das boas intenções e razões que a ciência possa apresentar. Ou seja, é deveras difícil convencer os seres humanos que escreveram livros sagrados, mesmo aqueles que não escreveram e só traduziram, a aceitarem a correcção da escrita da palavra, usando uma ortografia moderna e actualizada.

O adiamento *sine die* da ractificação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (AOLP), assinado por Moçambique mais seis países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, em 1990, tem a ver com a resistência a mudanças por parte dos tomadores de decisão, que não se apercebem de que a língua que aprenderam e escrevem há 60 ou 70 anos (muitos tomadores de decisão

que atrasam a vida dos moçambicanos andam por essas idades) já não é a mesma língua das crianças e jovens que têm hoje 6, 10, 20, 30 anos. Por isso, em termos de futuro, esta língua portuguesa é mais desses jovens do que dos mais velhos. Só que, infelizmente, os jovens não são deputados nem membros do Governo para tomarem decisão sobre a escrita da língua portuguesa deles, a escrita que já está no computador, esse instrumento poderoso que muitos dos tomadores de decisão não aceitam usar, por isso não fazem ideia dos transtornos por que os jovens passam para gerirem a indecisão, intransigência e arrogância ou pirraça dos adultos que não ractificam o Acordo.

Apesar de os jovens já usarem a nova ortografia da língua portuguesa, cujo acordo Moçambique não ractifica há trinta e três anos, o que torna irrelevante as nossas instituições de soberania em algumas matérias sendo esta uma delas, é importante que o país ractifique esse documento do Acordo. Por outras palavras, enquanto os mais velhos continuam parados no tempo, fazendo política insistindo numa ortografia retrógrada, que só se usa nos documentos oficiais de Moçambique, cujo número de leitores é muito reduzido no conjunto dos mais de 200 milhões de usuários da língua portuguesa, os jovens moçambicanos já usam a ortografia ractificada por Brasil, Portugal e Cabo Verde, por sinal, dois destes países são os donos da maior parte da indústria livreira em língua portuguesa. É caso para dizer os tomadores de decisão moçambicanos estão a ficar atrás e, com isso, estão a atrasar o país, porque as crianças da 5ª classe não

têm referência da escrita de língua portuguesa, o que obriga os professores a ensinarem formas arcaicas que já são consideradas erradas pelo computador. Por causa dessa lastimável e lamentável situação, o professor já não tem poder de decisão sobre o correcto e o errado na ortografia da língua portuguesa, e a sociedade está todos os dias a criticar o sistema educativo, que é acusado de formar graduados que não sabem escrever a língua portuguesa, língua oficial. A sociedade, se não sabia, que fique sabendo que a culpa pelo não domínio das habilidades de leitura e escrita reside nos gabinetes de alguns tomadores de decisão e é preciso que todos se lembrem que os professores não dispõem de nenhum padrão de escrita de Português para ensinar aos seus alunos. O silêncio generalizado em relação a esta matéria só revela uma cumplicidade generalizada em toda a sociedade, academia, parlamentares, ministros, todos os decisores.

Todo o linguista tem a obrigação profissional de dizer a verdade sobre a importância da padronização da ortografia das línguas, a importância de ractificação de um acordo ortográfico, porque uma ortografia padronizada abre a janela para o desenvolvimento social, económico, científico e cultural. Uma ortografia padronizada abre a janela da cooperação internacional entre os povos. Os moçambicanos adultos não têm o direito de fechar essa janela que a ortografia abre às crianças moçambicanas, para terem acesso ao mundo do conhecimento. Ninguém quer admitir que os indecisos tomadores de decisão estejam a sabotar o sistema de educação, o garante da promoção e progressão social dos indivíduos à



escala global e profissional, dificultando o acesso ao conhecimento científico por uma considerável parte do povo.

Estas palavras justificam a opção de se escolher o tópico da escrita para a intervenção-chave desta importante Conferência Internacional de Língua, Linguística e Literatura.

### Objectivos

O presente trabalho tem como objetivo geral contribuir para o aperfeiçoamento da ortografia padronizada de línguas moçambicanas. Em termos específicos, o presente trabalho pretende:

- Discutir um aspecto particular da padronização da ortografia de línguas moçambicanas, a escrita de nomes próprios locativizados por prefixação;
- Propor uma solução pragmática para o problema da escrita de nomes próprios locativizados por prefixação.

### Questão de partida

O presente trabalho visa responder a uma questão adiada ao longo dos quarenta anos de seminários de padronização de ortografia de línguas moçambicanas: Como escrever os nomes próprios locativizados por prefixação?

### Hipóteses

- Com o prefixo ligado ao nome, mas o nome próprio deve manter a sua inicial maiúscula. Por exemplo: OLalawa (no início da frase) ou oLalawa (no meio da frase);
- Escrevendo o prefixo separado do nome próprio para garantir a identidade tanto do prefixo como do nome próprio. Por exemplo: O Lalawa (início de frase) ou o Lalawa (no meio da frase);
- Escrevendo o prefixo ligado ao nome próprio por meio de um hífen, para garantir a identidade

tanto do prefixo como do nome próprio. Por exemplo: O-Lalawa (início de frase) ou o-Lalawa (no meio da frase);

- Escrevendo o prefixo ligado ao nome próprio, transferindo o [+Maiús] da letra inicial do nome para a letra inicial do prefixo. Por exemplo: Olalawa.

### Quadro teórico

O presente estudo está ancorado ao quadro teórico da fonologia lexical (KIPARSKY 1982, 1985; MOHANAN 1982, e outros). Trata-se de um modelo teórico de entrelaçamento da Morfologia com a Fonologia. Ou seja, de acordo com esta teoria, no processo morfológico de formação de palavras por derivação, a adição de um morfema a uma forma de base faz-se sempre seguir de um processo fonológico, de que resulta a forma fonética. Depois da fonologia, a ocorrência de um próximo processo morfológico não reconhece o processo morfológico anterior. Só reconhece o material linguístico resultante do processo fonológico que se seguiu ao processo morfológico, sobre o qual actua o processo morfológico sobre cujo resultado actua a próximo processo fonológico, e assim sucessivamente.

### Revisão de literatura

Nomes são palavras variáveis que se usam para designar seres, objectos, eventos. Na língua portuguesa, os nomes variam de acordo com o número, género, grau. Nas línguas bantu, os nomes também são palavras variáveis, cuja principal característica é a forma regular como se organizam em grupos morfo-semânticos, de acordo com os seus prefixos e /ou os padrões de concordância das palavras sintacticamente dependentes, tal como são os casos de verbos, numerais, demonstrativos, adjectivos e outras formas de

qualificação, e também de acordo com a categoria semântica a que o nome pertence.

A cada um dos grupos por que os nomes se organizam dá-se o nome de classe nominal. Regra geral, os nomes organizam-se em grupos de duas classes, sendo uma do singular e outra do plural correspondente, constituindo o que se chama género (enquanto categoria gramatical sem associação a nenhuma categoria semântica definida!) de duas classes. Todavia, é possível encontrar nomes que, pela sua semântica, não apresentam formas capazes de estabelecer uma oposição entre o singular e o plural. A estes nomes diz-se constituírem géneros de uma só classe. Mas às vezes acontece, em algumas línguas, ocorrerem nomes que distinguem o singular, o plural e o colectivo. Nestes casos, diz-se que o nome tem género de três classes.

A tabela 4 que se segue apresenta os prefixos reconstruídos por vários autores, de acordo com Ngunga (2014):

O número de classes nominais nas línguas bantu contemporâneas varia entre dez e vinte, não sendo obrigatório que todos os prefixos nominais, apresentados na tabela 4, reconstruídos do Proto-Bantu, ocorram em todas as línguas da mesma forma.

Ao estudar-se os prefixos nominais, deve-se ter presente que alguns deles se afixam a temas nominais, formando nomes simples, e outros se afixam a nomes já existentes, formando nomes derivados. Em relação aos prefixos que se afixam a temas nominais para formar nomes não derivados, diz-se que têm função primária, e quanto aos que se afixam a nomes resultando em nomes derivados, diz-se terem função secundária. Os prefixos das classes 12, 13, 16, 17, e 18 são os que



indiscutivelmente têm função secundária ou são prefixos derivacionais. Os prefixos das classes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14 são os primários, embora, às vezes, alguns destes tenham função secundária, ou seja, possam ser usados em processos derivacionais. O prefixo da classe 15 é especial por se tratar de prefixo que marca o infinitivo verbal, que funciona como nome. Por isso, este prefixo também é conhecido por *nomino-verbal*. Entre os prefixos secundários, vale distinguir os prefixos diminutivos dos prefixos locativos, objecto do presente trabalho. Os diminutivos são usados para indicar que o objecto referido tem dimensões menores do que as do objecto normal do mesmo grupo, como se pode ilustrar a seguir:

- 1.a) **digoombo** (cl.5) 'banana'  
cf. **magoombo** (cl.6)  
'bananas'  
b) **kagoombo** (cl. 12)  
'bananinha'  
cf. **tugoombo** (cl.13)  
'bananinhas'

Nos exemplos acima, mostra-se que com o mesmo tema nominal se obtêm dois pares de palavras pertencentes a quatro classes diferentes, sendo a segunda de cada par uma forma do plural da primeira.

Os nomes podem dividir-se em dois grandes grupos semânticos, sendo comuns quando designam matéria em geral, como se ilustra nos seguintes exemplos:

- 2.a) mulher  
b) menina  
c) homem  
d) pereira  
e) rosa

e próprios, quando designam seres com determinado estatuto que a línguas lhes confere, reconhecendo-lhes algum destaque, alguma

especificidade, alguma individualidade dentro da classe ou grupo a que eles pertençam, como os seguintes:

- 3.a) Maria  
b) Hanifa  
c) Homem  
d) Pereira  
e) Rosa

Quem estudou noções básicas de gramática tradicional da língua portuguesa percebe que as palavras em (2) são nomes comuns e aquelas em (3) são nomes próprios. Uma comparação dos exemplos em (2.c, d, e) com os exemplos em (3.c, d, e) permite notar que a diferença entre estes dois grupos de palavras é marcada pela presença ou ausência da inicial maiúscula, que se constitui em elemento distintivo do nome comum do próprio. Esta regra funciona da mesma maneira em línguas bantu.

### Locativização em Português

Locativização é o processo de localização de um nome no tempo ou no espaço. No presente trabalho, vai-se tratar somente da localização do nome no espaço.

Na língua portuguesa, os nomes podem ser locativizados com recurso a preposições (locativas) do tipo **em**, **para**, **sobre**, ou a advérbios de lugar, locuções adverbiais (**dentro de**, **perto de**, **à beira de**, **próximo de**, **em cima de**, **fora de...**). Considerem-se os seguintes exemplos:

4. a) a manga caiu sobre a mulher  
b) a bicicleta passou perto da menina  
c) a bola está dentro do homem  
d) eu vou à pereira  
e) a abelha pousou na rosa  
5. a) a manga caiu sobre a Maria  
b) a bicicleta passou perto da Hanifa  
c) o conhecimento está dentro do Homem

- d) eu vou ao Pereira  
e) a abelha pousou na Rosa

Como se vê nos exemplos acima, na língua portuguesa, os locativizadores são itens lexicais autônomos (preposições, advérbios, locuções adverbiais ou prepositivas), que se justapõem aos nomes para formarem uma unidade sintáctica chamada sintagma de que o nome locativizado faz parte, mas é designado pelo locativizador que pode ser uma preposição (sintagma preposicional) ou um advérbio (sintagma adverbial). Como acabámos de ver, na língua portuguesa, os locativizadores são elementos lexicais, o que é diferente das línguas bantu, onde os locativizadores são afixos, e não itens lexicais. Vamos estudar, a seguir, a locativização nas línguas bantu, objecto do nosso trabalho

### Locativização em Bantu

Como se viu acima, na língua portuguesa, a locativização é um processo sintáctico que se realiza através de justaposição do nome, comum ou próprio, com as palavras locativas (preposições, advérbios e locuções prepositivas e adverbiais), formando sintagmas locativos, sejam preposicionais sejam adverbiais. Nas línguas bantu, a locativização é um processo morfológico derivacional, que pode ser por sufixação, por prefixação e por meio de parassíntese, de que resultam palavras locativas.

### Locativização de nomes comuns

Os nomes comuns podem ser locativizados, acrescentando-lhes um sufixo locativo um prefixo locativo, ou um prefixo e um sufixo locativos ao mesmo tempo, como se ilustra com os exemplos que se seguem (imagem 1):

Os exemplos em (6, 7) mostram, por um lado, as diferentes formas como a gramática funciona em diversas





línguas na formação da locativização, sendo que em (6) temos a sufixação e em (7) a prefixação. Por outro lado, os mesmos exemplos o mostram que, quando se trata de nomes comuns, a locativização consiste em mera adição do afixo ao nome no local onde a língua admite que se afixe. É um processo puro e simplesmente morfológico e fonológico, fazendo jus ao quadro teórico que escolhemos para uso no nosso estudo.

Uma nota especial pode ser feita em relação ao Makhuwa, que revela estar em transição. Isto é, estudos da linguística histórica das línguas bantu são unânimes em demonstrar que a locativização por prefixação já existia no Proto-Bantu (BLEEK 1862, 1869; GUTHIE 1967-71; MEEUSSEN 1969, 1967; MEINHOF 1906, 1899; Werner 1919; 1915), sendo, por isso, mais antiga do que a locativização por sufixação, que se reconhece como uma inovação recente, um processo ainda em curso, estando mais avançado numa línguas do que noutras, embora ainda esteja ausente em muitas línguas que se podem considerar conservadoras. Tanto mais que, mesmo as línguas que se podem considerar inovadoras terem progredido para a locativização por sufixação, ainda apresentam construções que são expressas por prefixação, logicamente com reduzido ou inexistente grau de produtividade. Pelo que, as línguas mais conservadoras ainda usam a prefixação, enquanto as mais inovadoras já usam a locativização por sufixação. A língua makhuwa está em transição, havendo casos (a) em que mantém a prefixação, outros (b) em que usa a prefixação e a sufixação ao mesmo tempo e (b, c) noutros ainda já usa somente a

sufixação, como se pode ilustrar a seguir (imagem 2):

Os exemplos em (8) mostram (a) locativização por prefixação, (b) localização por sufixação e (c) locativização parassintética. Todavia, apesar da complexidade da locativização nesta língua que está à procura da sua identidade morfológica, o processo derivacional revela-se simples, pois realiza-se apenas por aglutinação dos afixos locativos aos nomes, o que se pode seguir de processo fonológico, havendo condições favoráveis. Vejamos o que pode acontecer quando se trata de locativização de nomes próprios.

#### **A locativização de nomes próprios**

Como os nomes comuns, os nomes próprios também podem ser locativizado quer através de sufixação, quer através de prefixação. Nos nossos dados, não encontramos exemplos de locativização parassintética.

Em línguas que constroem a locativização através da sufixação, o processo realiza-se através da aglutinação dos sufixos aos nomes próprios, ao que se podem seguir processos fonológicos que podem resultar da sequência dos segmentos, como se ilustra a seguir (imagem 3):

Mais uma vez, tirando os processos fonológicos resultantes da interacção das vogais de diferentes qualidades nas fronteiras morfélicas, os processos morfológicos não apresentam motivos de hesitação da parte dos escreventes. Vejamos o que acontece com a locativização por prefixação dos nomes próprios. Conforme vimos em 4.1.1., acima, o processo de locativização de nomes comuns por prefixação resolve-se

apenas com base na aplicação do quadro teórico eleito para o presente estudo. Todavia, diferentes dos nomes comuns, onde parece não haver dúvidas de que os prefixos locativos são apenas prefixos que se devem juntar aos nomes locativizados, os textos de vários autores mostram existir diversas formas de marcação da locativização por prefixação dos nomes próprios, como se pode ilustrar com os seguintes exemplos (tabela 5, 6 e 7): Nas três tabelas, a opção em (10, 13, 16) é a adoptada por Mpofu-Hamadziripi et al. (2013), que segue a ortografia do Shona padrão no Zimbabwe, que também é usada na toponímia dos nomes dos distritos municipais da Cidade de Maputo. A opção (11, 14, 17) é usada em ... A opção em (12, 15, 18) é adoptada em *Elementos de Gramática da Língua Yao* (NGUNGA 2000). Isto significa que, quando se trata de marcar a locativização dos nomes próprios, os autores mostram-se de acordo quanto à necessidade de recuperação da morfologia dos nomes derivados, colocando em destaque pelo menos dois elementos, a saber: a letra maiúscula, que caracteriza o nome próprio na ortografia adoptada para as línguas moçambicanas, e a identidade do prefixo locativo, que se pretende que nunca se perca. O que os autores não conseguem é encontrar um consenso sobre como melhor representar essa intenção na escrita, o que resulta nas formas bizarras, como em (10.a, 13.a 16.a), onde aparece uma letra maiúscula (a primeira letra do nome próprio) no meio de uma palavra derivada, sendo minúscula a primeira letra do prefixo locativo, e uma minúscula, quando a palavra a que se afixa não ocorre no início da frase. Quando a palavra derivada ocorre no início da



frase, temos os exemplos em (10.b, 13. b), onde há duas letras maiúscula na mesma palavra, sendo a primeira do prefixo locativo e a segunda do nome próprio não derivado. Se, depois da prefixação do locativo (morfologia) se acharem criadas as condições para a aplicação da regra de elisão da vogal (fonologia) do prefixo, como acontece em algumas línguas, temos uma situação de ocorrência de duas letras maiúsculas no início da palavra (16.b), o que viola a regra básica de ortografia que limita à primeira letra do nome próprio (derivado ou não) a obrigatoriedade de ser maiúscula.

Em (11, 14, 17), vemos uma tentativa de resolver este problema quando os autores optam por uma escrita disjuntiva, escrevendo o prefixo como se este fosse uma unidade lexical autónoma, o que não é. É preciso lembrar que as línguas bantu são aglutinantes. Isto é, a estrutura das palavras compreende um morfema lexical, e vários afixos ou morfemas gramaticais. Em (12, 15, 18), Ngunga (2000) propõe uma solução intermédia, com bases nos argumentos acima, socorrendo-se de hífen para separar o prefixo locativo do nome próprio. Mas o resultado, como se vê, é praticamente o mesmo. Embora separadas por o hífen, a letra maiúscula continua a ocorrer no meio da palavra (12, 15), ou duas letras maiúsculas adjacentes (18), em casos de elisão da vogal do prefixo locativo.

Portanto, qualquer dos argumentos que se possa apresentar a favor das propostas das tabelas 4, 5, e 6 são desafiados, tanto pela obrigação da manutenção de inviolabilidade do princípio da inalienabilidade da identidade fonológica do prefixo como pelo princípio de integridade da nomes derivados.

Segundo o primeiro princípio, a forma física do prefixo não se altera na sequência da sua afixação ao nome que passa a ser locativo. Isto é, se a fonologia permitir alguma regra que elimine prefixo, o nome locativo derivado deixa de ser locativo. E a língua nunca permite que este tipo de operação possa interferir na comunicação.

De acordo com o segundo princípio, tal como em um nome qualquer, derivado ou não, comum ou próprio, o nome locativizado tem uma fonologia, morfologia e sintaxe. Portanto, a ortografia não deve de modo algum desintegrá-lo, sob pena de confundir o leitor. Mas aqui precisamos de ressaltar um aspecto importante para ajudar o nosso leitor, que poderá encontrar o prefixo locativo correctamente escrito disjuntivamente, como em (imagem 4):

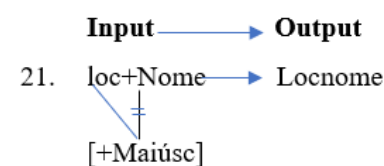
Em (19.a), temos os casos clássicos de locativização por prefixação, onde um prefixo locativo é um morfema gramatical que se afixa a um nome. Em (19.b), temos exemplos de locativização em que os prefixos locativos são morfemas lexicais, desempenhando funções idênticas às de preposições. A diferença entre (19.a) e (19) nota-se pelo facto de em (19.a) os prefixos locativos controlarem a concordância dos possessivos enquanto em (19.b) é o nome que controla a concordância e não os locativos preposicionais. Mas como os locativos preposicionais nunca precedem nomes próprios, em nenhuma circunstância se poderá escrever correctamente prefixo locativo separado de nome próprio.

### Conclusão

Concluindo, os argumentos apresentados ao longo do presente trabalho conduzem a uma solução favorável à hipótese (iv), como

ilustram os exemplos da tabela que se segue (tabela 8):

Os exemplos da Tabela 8 demonstram o resultado do processo que começa com a morfologia que afixa o morfema locativo ao nome próprio (i.e., locativo+Nome). Depois, a ortografia passa o traço [+maiúsculo] da letra inicial do nome próprios para a letra inicial do prefixo que passa a ser a letra inicial do nome. Daí que o nome próprio locativizado é um nome derivado por justaposição do locativo com o nome, o que obriga a perda dos traços dos inputs sendo que, no caso do nome próprio a letra inicial do nome perde o traço [+maiúsc] e, no caso do morfema locativo, a letra inicial perde o traço [-maiúsc], o que se pode formalizar como se segue:



Em alguns casos, depois da intervenção da ortografia podemos ter o output final. Noutros casos, a fonologia pode ser chamada a regularizar algumas ocorrências ilegais tais como os de adjacência de certos segmentos formando hiatos que a fonologia julgue imperativo eliminar. Considerem-se os seguintes exemplos (imagem 5):

Trata-se de uma solução pragmática, fundamentada no facto de que a língua cuja escrita se padroniza é sincrônica, portanto, aquela que se realiza através da performance actual dos seus falantes de hoje. Na classe 18, a vogal /u/ está entre parênteses para indicar que ela pode ser elidida em algumas línguas ou em alguns contextos fonológicos. Quando tal acontece, a sílaba fica reduzida à nasal (silábica) inicial, que pode ou



não assimilar o lugar da assimilação da consoante seguinte. Em algumas línguas, a nasal silábica e fonêmica, sendo por isso marcada de alguma forma para a distinguir dos casos de pré-nasalização. Nas línguas em que a nasal silábica não é fonêmica, ela é escrita adjacente à consoante seguinte, da qual pode assimilar o ponto da articulação.

Esta opção não obriga a nenhuma permanente revisita à história morfológica das palavras uma vez que, depois de formada como uma entidade lexical, a palavra comporta-se como uma unidade integral e inalienável. Portanto, nem o espaço entre o prefixo locativo e o nome, nem o hífen são necessários para efeitos de uma boa ortografia que se pretenda prática e, sobretudo, pragmática, nos tempos da digitalização. Uma vez que a

regra da ortografia refere que os nomes próprios devem escrever-se com uma inicial maiúscula, não pode haver outra forma correcta que não seja aquela que se apresenta na tabela 7.

Esta solução de aglutinação dos prefixos locativos aos nomes próprios, para marcar a locativização destes, é extensiva também às línguas que, tendo evoluído da locativização por prefixação para locativização por sufixação, ainda se socorrem de prefixação em casos bem específicos da locativização de nomes próprios. Changana e Zronga são exemplos deste grupo de línguas, sugerindo-se que a locativização dos nomes próprios deve ser representada por escrito, como se ilustra a seguir (imagem 6):

Os exemplos em (20) ilustram a universalidade dos argumentos apresentados acima, a favor da aglutinação dos prefixos locativos aos nomes próprios, onde o [MAIUS] do nome próprio passa para o primeiro grafema do prefixo locativo, independentemente da função do nome locativizado na estrutura da frase.

Como se pode verificar, todas as outras hipóteses não pode explicar os processos fonológicos que amiúde ocorrem como resultado da aplicação de regras ortográficas e também morfológicas. Portanto, atrás da ortografia, há muita linguística sob a forma de fonologia, morfologia, e sintaxe e mesmo semântica. Por isso, é importante a intervenção do linguista no desenho de ortografia de uma língua.

Tabela 1: Consoante nasal palatal [ɲ] (/ñ, gn, nh/): ny.

Línguas	Espanhol	Francês	Português	Padronização	Exemplos
Makonde	ñama	gnama	nhama	nyama	‘carne’
Tonga	ñumba	gnumba	nhumba	nyumba	‘casa’
Changana	ñoca	gnoca	nhoca	nyoka	‘cobra’

Tabela 2: Consoante africada palatal [c] (/c, ch, tch, tx/): c

Línguas	Som [c]	Padronização	Significado
Copi	kutxa	kuca	‘amanhecer’
Nyanja	kucheka	kuceka	‘cortar’
Nyungwe	kutchola	kucola	‘partir’
Yaawo	kucha	kuca	‘amanhecer’

Tabela 3: Consoante fricativa palatal [ʃ] (x, ch, sh): x

Língua	Som alveopalatal [ʃ]	Padronização	Significado
Makonde	Chinda	Xinda	Nome localidade
Makonde	Chitachi	Xitaxi	Nome localidade
Makonde	shipula	xipula	‘faca’
Makhuwa	echikola	exikola	‘escola’
Zronga	chipichi	xipixi	‘gato’

Tabela 4: Classes e prefixos nominais.

Classe	Prefixo	Semântica: Nomes referente principalmente a:
1	*mu-	Pessoas ou seres personificados
2	*ba-	Plural de classe 1
3	*mu-	Flora; partes do corpo; objectos
4	*mi-	Plural de 3
5	*i-	Plantas, partes do corpo, e objectos
6	*ma-	Plural de 5, 11, 14; nomes de substâncias incontáveis; colectivo; massa
7	*ki-	Objectos, língua, cultura; partes do corpo, flora; objecto
8	*bi	Plural de 7
9	*(i)N-	Reino animal; partes do corpo; plantas; objectos,
10	*N	Plural de 9, 11
11	*du-	Objectos longos
12	*ka-	Diminutivos
13	*tu-	Plural de 12
14	*bu-	Substâncias incontáveis; seres abstractos
15	*ku-	Infinitivo verbal
16	*pa-	Locativo situacional
17	*ku	Locativo direcciona
18	*mu	Locativo de interioridade
19	*pî-	Diminutivo
20	*Yu-	Singular de 21
21	*Ya-	Plural de 20
22	*Yu-	Singular de 23
23	*Yi-mi-	Plural de 22





Tabela 5: Classe 16.

	Grupo A: va-, o- mu- <sup>1</sup>	Grupo B: pa-, ku- mu- <sup>2</sup>	Significado
10.a)	vaMakivale	paMakivale	'em, perto de, aqui em'
	vaLalawa	paLalawa	'em, perto de, aqui em'
	vaKatandika	paKatandika	'em, perto de, aqui em'
b)	VaMakivale	PaMakivale	'em, perto de, aqui em'
	VaLalawa	PaLalawa	'em, perto de, aqui em'
	VaKatandika	PaKatandika	'em, perto de, aqui em'
11.a)	va Makivale	pa Makivale	'em, perto de, aqui em'
	va Lalawa	pa Lalawa	'em, perto de, aqui em'
	va Katandika	pa Katandika	'em, perto de, aqui em'
b)	Va Makivale	Pa Makivale	'em, perto de, aqui em'
	Va Lalawa	Pa Lalawa	'em, perto de, aqui em'
	Va Katandika	Pa Katandika	'em, perto de, aqui em'
12.a)	va-Makivale	pa-Makivale	'em, perto de, aqui em'
	va-Lalawa	pa-Lalawa	'em, perto de, aqui em'
	va-Katandika	pa-Katandika	'em, perto de, aqui em'
b)	Va-Makivale	Pa-Makivale	'em, perto de, aqui em'
	Va-Lalawa	Pa-Lalawa	'em, perto de, aqui em'
	Va-Katandika	Pa-Katandika	'em, perto de, aqui em'

<sup>1</sup> Exemplos de línguas do Grupo A: Makhuwa, Lomwe, Chuwabo.<sup>2</sup> Exemplos de línguas do Grupo B: Mwani, Yaawo, Makonde, Nyungwe, Sena, Manyika, Wutee, Balke, Nda.

Tabela 7: Classe 18.

	Grupo A: va-, o- mu-	Grupo B: pa-, ku- mu-	Significado
16.a)	m(u)Makivale	m(u)Makivale	'em, dentro de, no interior'
	m(u)Lalawa	m(u)Lalawa	'em, dentro de, no interior'
	m(u)Katandika	m(u)Katandika	'em, dentro de, no interior'
b)	M(u)Makivale	M(u)Makivale	'em, dentro de, no interior'
	M(u)Lalawa	M(u)Lalawa	'em, dentro de, no interior'
	M(u)Katandika	M(u)Katandika	'em, dentro de, no interior'
17.a)	mu Makivale	mu Makivale	'em, dentro de, no interior'
	mu Lalawa	mu Lalawa	'em, dentro de, no interior'
	mu Katandika	mu Katandika	'em, dentro de, no interior'
b)	Mu Makivale	Mu Makivale	'em, dentro de, no interior'
	Mu Lalawa	Mu Lalawa	'em, dentro de, no interior'
	Mu Katandika	Mu Katandika	'em, dentro de, no interior'
18.a)	mu-Makivale	mu-Makivale	'em, dentro de, no interior'
	mu-Lalawa	mu-Lalawa	'em, dentro de, no interior'
	mu-Katandika	mu-Katandika	'em, dentro de, no interior'
b)	Mu-Makivale	Mu-Makivale	'em, dentro de, no interior'
	Mu-Lalawa	Mu-Lalawa	'em, dentro de, no interior'
	Mu-Katandika	Mu-Katandika	'em, dentro de, no interior'

Imagem 1

6.a)	Swahili:	nyumba	'casa'	cf.	nyumbani	'em casa'
		shule	'escola'	cf.	shuleni	'na escola'
b)	Changani:	nguvu	'pano'	cf.	ngubzini	'no pano'
		masimu	'machamba'	cf.	masin'wini	'na machamba'
7.a)	Shona:	munda	'machamba'	cf.	pamunda	'na machamba'
		muti	'árvore'	cf.	pamuti	'na árvore'
b)	Nyanja:	mudzi	'aldeia'	cf.	kumudzi	'em direção à aldeia'
		nyumba	'casa'	cf.	kunyumba	'em direção à casa'
c)	Yaawo:	n'twe	'cabeça'	cf.	mun'twe	'dentro da cabeça'
		lusulo	'rio'	cf.	n'nusulo	'no rio'

Imagem 2

8. Makhuwa:

a)	kampo	'campo (futebol)'	cf.	okampo	'em direção ao campo'
	mwalakhu	'galinha'	cf.	vamwalakhu	'em cima da galinha'
b)	nroka	'sp. árvore'	cf.	nrokani	'em nroka, junto a árvore nroka'
	ehime	'poço'	cf.	ehimeni	'no poço'
c)	emeesa	'mesa'	cf.	vameesani	'na mesa'
	empa	'casa'	cf.	mpani	'dentro de casa'

Tabela 6: Classe 17.

	Grupo A: va- o- mu-	Grupo B: pa-, ku-, mu-	Significado
13.a)	oMakivale	kuMakivale	'para, lá, longe, em direção a'
	oLalawa	kuLalawa	'para, lá, longe, em direção a'
	oKatandika	kuKatandika	'para, lá, longe, em direção a'
b)	OMakivale	KuMakivale	'para, lá, longe, em direção a'
	OLalawa	KuLalawa	'para, lá, longe, em direção a'
	OKatandika	KuKatandika	'para, lá, longe, em direção a'
14.a)	o Makivale	ku Makivale	'para, lá, longe, em direção a'
	o Lalawa	ku Lalawa	'para, lá, longe, em direção a'
	o Katandika	ku Katandika	'para, lá, longe, em direção a'
b)	O Makivale	Ku Makivale	'para, lá, longe, em direção a'
	O Lalawa	Ku Lalawa	'para, lá, longe, em direção a'
	O Katandika	Ku Katandika	'para, lá, longe, em direção a'
15.a)	o-Makivale	ku-Makivale	'para, lá, longe, em direção a'
	o-Lalawa	ku-Lalawa	'para, lá, longe, em direção a'
	o-Katandika	ku-Katandika	'para, lá, longe, em direção a'
b)	O-Makivale	Ku-Makivale	'para, lá, longe, em direção a'
	O-Lalawa	Ku-Lalawa	'para, lá, longe, em direção a'
	O-Katandika	Ku-Katandika	'para, lá, longe, em direção a'

Tabela 8: Escrita de nomes próprio locativizados por prefixação.

Classes	Grupo A: va-, o-, mu-	Grupo B: pa-, ku-, mu-	Significado
20.a) 16	Vamakivale	Pamakivale	'em, perto de, aqui em'
	Valalawa	Palalawa	'em, perto de, aqui em'
	Vakatandika	Pakatandika	'em, perto de, aqui em'
b) 17	Omakivale	Kumakivale	'para, lá, longe, em direção a'
	Olalawa	Kulalawa	'para, lá, longe, em direção a'
	Okatandika	Kukatandika	'para, lá, longe, em direção a'
c) 18	M(u)makivale	M(u)makivale	'em, dentro de, no interior'
	M(u)lalawa	M(u)lalawa	'em, dentro de, no interior'
	M(u)katandika	M(u)katandika	'em, dentro de, no interior'

Imagem 3:

9.a)	Changana:	Bila	cf.	Bileni	'em Bila, terra dos Bila'
		Hlongo	cf.	Hlongweni	'em Chongo, terra dos Chongo'
		Masiye	cf.	Masiyeni	'em Macie, terra dos Macie'
b)	Copi:	Manyiki	cf.	Manyikeni	'em Manhique, terra dos Manhique'
		Kumbi	cf.	Kumbini	'em Cumbe, terra dos Cumbe'
		Dundule	cf.	Dunduleni	'em Dundule, terra dos Dundule'

Imagem 4:

19. Yaawo: a)	panyuumba paangu	'o meu espaço de casa' (a casa pode não ser minha)
	kunyuumba kwaangu	'em direção ao meu local de casa' (casa... não minha)
	n'nyuumba mwaaangu	'o meu interior de casa' (a casa pode não ser minha)
b)	pa nyuumba jaangu	'o espaço da minha casa'
	ku nyuumba jaangu	'em direção ao local da minha casa'
	mu nyuumba jaaangu	'o interior da minha'

Imagem 5:

	Morfologia	Ortografia	Fonologia <sub>1</sub> (Elisão)	Fonologia <sub>2</sub> (Semivocal)	Fonologia <sub>3</sub> Along. comp)	Opuit
22.a)	pa+Maputo	→ Pamaputo	→ Ø	→ Ø	→ Ø	→ Pamapuyo
b)	o+Ampula	→ Oampula	→ Ø	→ Wampula	→ Ø	→ Wampula
c)	ku+Diciinga	→ Kudiciinga	→ Kuiciinga	→ Kwiciinga	→ Kwiciinga	→ Kwiciinga

Imagem 6:

20.a)	Changana:	Kaximbutsu	'em Chibuto'
		Kaxivavele	'em Chivavel'
		Kamapayi	'em Mapai'
b)	Zronga:	Katembe	'em Tembe'
		Kanyaka	'em Inhaca'
		Kamanyisa	'em Manhiça'

\* Prof. Catedrático, Linguísta e director-geral da Agência para o Desenvolvimento Integrado do Norte (ADIN).

## Identidade Visual Corporativa

Entende-se por **Identidade Corporativa** o conjunto de características que tornam uma Instituição única e expressam sua cultura organizacional. Muito além da estética, o conceito está ligado à missão, visão e valores e como pretende ser vista e compreendida pela sociedade em geral. Nesse sentido, através de elementos visuais a UniRovuma possui os seguintes elementos:

### LOGÓTIPO



### EMBLEMA



### BANDEIRA



### MISSÃO

A **Universidade Rovuma** tem como missão formar técnicos superiores com qualidade de modo a que contribuam de forma criativa para um desenvolvimento económico sociocultural sustentável.

### VISÃO

A **Universidade Rovuma** pretende ser uma instituição de ensino superior de qualidade e excelência no processo de ensino e aprendizagem e nos serviços de pesquisa e extensão a nível nacional, regional e internacional.

### VALORES

- Excelência Académica
- Cultura Académica
- Liberdade de Pensamento e de expressão
- Autonomia
- Internacionalização
- Humanismo e Integridade
- Igualdade e Equidade
- Reforço da cidadania, do patriotismo, da consciência cívica e ética
- Laicidade
- Inserção comunitária
- Inovação e criatividade

## FICHA TÉCNICA

### UNIVERSIDADE ROVUMA – GABINETE DE COMUNICAÇÃO E COOPERAÇÃO

Av. Josina Machel nº256, Caixa Postal 544, Telefax: 26215738, e-mail: [gcc@unirovuma.ac.mz](mailto:gcc@unirovuma.ac.mz) | Nampula-Moçambique

**Coordenador:** António Pereira | **Editor:** Vasco da Gama | **Grafismo e Maquetização:** Bruno Gamito

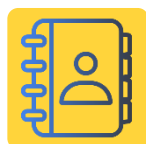
**Nampula:** Vasco da Gama, Leonel Quenala, Madania Nuro, Helga António e Alzira Giramo

**Extensão de Cabo Delgado:** Tony Lázaro Gabriel

**Extensão do Niassa:** Tanilsa Murriane e Geraldina Gueze

**Periodicidade:** Mensal | **Propriedade:** Universidade Rovuma (UniRovuma)

**Boletim Informativo publicado sob dispensa de registo do GABINFO**



## ENDEREÇOS DA UNIVERSIDADE ROVUMA

REITORIA   UniRovuma Sede	Av. Josina Machel, no 256 Caixa Postal: 544 E-mail: <a href="mailto:secretariageral@unirovuma.ac.mz">secretariageral@unirovuma.ac.mz</a> <i>Campus</i> de Napipine   Bairro de Napipine – Nampula Tel.: +258 840731777
UniRovuma   Extensão de Cabo Delgado	<i>Campus</i> de N'coripo Caixa Postal: 04 E-mail: <a href="mailto:unirovuma-cd@unirovuma.ac.mz">unirovuma-cd@unirovuma.ac.mz</a> Cidade de Montepuez Tel.: +258 20030181
UniRovuma   Extensão de Niassa	<i>Campus</i> de Nángala Caixa Postal: 04 E-mail: <a href="mailto:urniassa@unirovuma.ac.mz">urniassa@unirovuma.ac.mz</a> Cidade de Lichinga Telefax: +258 27121520
UniRovuma   Instituto Superior de Transportes, Turismo e Comunicações	Rua do Mercado da cidade alta Prédio Pastoral São Vicente de Paulo E-mail: <a href="mailto:isttc@unirovuma.ac.mz">isttc@unirovuma.ac.mz</a> Nacala-Porto Rádio Watana Pousada do CFM
Centro de Recursos de Pemba	Bairro de Expansão Telefax: +258 27251160 E-mail: <a href="mailto:cead@unirovuma.ac.mz">cead@unirovuma.ac.mz</a> Cidade de Pemba – Cabo Delgado
Centro de Recursos de Chiúre	Bairro de Cimento Telefax: +258 27251160 E-mail: <a href="mailto:crchiure@unirovuma.ac.mz">crchiure@unirovuma.ac.mz</a> Vila de Chiúre – Cabo Delgado
Centro de Recursos de Sanga	Vila-Sede do distrito de Sanga – Km3 Niassa
Centro de Recursos de Marrupa	Bairro de Naigia Vila-Sede do distrito de Marrupa – 3km Niassa
Centro de Recursos de Angoche	Avenida 7 de Abril Bairro Central Cidade de Angoche
 <b>CONTACTOS ÚTEIS</b>	Secretaria Geral 840731777 Direcção de Finanças 840731771 Direcção de Recursos Humanos 840731770 Direcção do Registo Académico 840731768